



JOSÉ NUNES CARREIRA, *Literatura do Egito Antigo*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 2005, 254 pp., ISBN 972-1-05608-1

O Autor, um reputado hebraísta e orientalista, movendo-se com o maior à-vontade nos domínios da egiptologia, é professor catedrático jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde durante mais de vinte anos leccionou no Departamento de História (área de História e Cultura Pré-Clássica), tendo fundado o Instituto Oriental (1986) e a sua revista *Cadmo* (1991), a mesma que aqui acolhe esta recensão. Depois de ter publicado um outro estudo de idêntico âmbito (*Literaturas da Mesopotâmia*, Lisboa, 2002), oferece-nos agora este volume dedicado à literatura do país do Nilo. E logo no prefácio assevera que «mesmo no rigor do formalismo russo e do estruturalismo europeu houve literatura no Egito antigo», sendo por isso um tema incontornável em qualquer estudo sobre literatura universal. É que, embora o indivíduo parecesse «esmagado sob a máquina do Estado e das obras públicas, degradado ao grau mínimo de liberdade», não faltaram no velho Egito faraónico «minorias privilegiadas (no bem-estar, no lazer e na cultura) capazes de pegar no pincel e derramar ideias, sentimentos e vivências em formas e palavras belas» (p. 9).

A obra começa com a Introdução (pp. 13-37), preparando desde logo o leitor para uma fecunda apreensão da temática, e sublinhando o decisivo contributo de Jan Assmann para uma possível aplicação das categorias do formalismo russo à literatura egípcia, considerando os textos literários como subgrupo dos textos culturais, e de António Loprieno com os seus três critérios de literariedade, a maleabilidade dos textos e intertextualidade. Escorado no seu estudo introdutório o Autor acerca-se da literatura egípcia começando pelas relações entre o túmulo e literatura, poesia e prosa.

Estabelecido o percurso pela longa cronologia egípcia, enceta com o Império Antigo (pp. 39-59), evocando as «vozes de um mundo são», onde são apreciadas as instruções (*sebit*) e dos seus possíveis autores, as autobiografias que, não sendo textos literários em sentido estrito, foram ponto de partida para algumas instruções sapienciais e

mesmo para uma obra prima da narrativa (*Sinuhe*). Quanto às instruções, elas são «não só o primeiro sinal de actividade literária no Egipto, mas a sua expressão mais brilhante e duradoura» (p. 46), como obras plenamente dialécticas e profundamente humanas fundamentadas no cumprimento da *maet* (verdade, harmonia, ordem cósmica e social) e inculcando no homem o desejo de ser acima de tudo um homem de paz.

Segue-se a transição do Primeiro Período Intermediário e o Império Médio, aqui estudados num capítulo intitulado «Transição e Império Médio» (pp. 61-133), iniciando com as formas e conteúdos e voltando às instruções, uma modalidade que vinha já do Império Antigo e que agora ganha contornos políticos (Merikaré, Amenemhat I e a *Instrução de um homem para o seu filho*). Quanto à *Instrução de Kheti*, conhecida também como «Sátira dos Ofícios», exalta a profissão de escriba e inscreve-se, como as outras instruções, no movimento geral da «literatura política» do Império Médio. Em seguida comentam-se as lamentações e «profecias», aqui se inserindo *As Lamentações do Campônês*, *As Admoestações de Ipu-uer*, *O Diálogo do cansado da vida com o seu ba*, *As Lamentações de Khakheperréseneb* e *As Profecias de Neferti*. Para os géneros dos contos e narrativas não faltam conhecidos exemplos: *Os Contos do Papiro Westcar*, *O Conto do Naufrago*, e a famosa obra prima da época, que é sem dúvida uma narrativa de viagem, a que alguns dão o título *A Aventura de Sinuhe*. Seguem-se cantos e hinos, começando pelo *Canto do Harpista* (Antef), um *Hino ao Nilo* (Hapi) e hinos ao grande rei Senuseret III.

A época áurea do Império Novo (pp. 135-215) revela tradição e inovação, com uma abertura do Egipto ao mundo, num tempo de individualismo e piedade privada, de liberdade e desenvoltura nas artes plásticas. Continuam as instruções, formas antigas que receberam novos conteúdos, patentes nas instruções de Ani, de Amennakht e de Amenemope. Os contos e narrativas são ilustrados pelo conto *Os Dois Irmãos*, o mito das lutas entre Hórus e Set, «transfigurado em narrativa popular», com o título de *Verdade e Mentira*, e ainda *O Príncipe Malfadado*, *A Tomada de Jope* e, já em finais do Império Novo (XX dinastia), o texto que relata a difícil viagem de Uenamón a Biblos para obter madeira de cedro. As narrativas mitológicas incluem as *Lutas de Hórus e Set*, e *A Destruição da Humanidade*, enquanto a historiografia e a epopeia estão muito bem documentadas com o *Relato de Kamose*, evocando a expulsão dos Hicsos, os chamados *Anais de Tutmés III*, dos quais se destaca a batalha de Meguido, e, do posterior reinado

de Ramsés II, o texto sobre a batalha de Kadech, patente no *Boletim* e no *Poema* que recordam o famoso confronto bélico entre egípcios e hititas. Exemplos de hinos ao sol colhem-se no capítulo 15 do «Livro dos Mortos» (aqui em exemplares de Kenena, Ani e Hunefer); é que embora o «Livro dos Mortos» não tenha um carácter literário contém alguns hinos literários ao deus Ré. O Império Novo no período ram-séssida é também o tempo das sedutoras cantigas de amor: «a alegria de viver, espelhada desde as pinturas murais das mastabas do Império Antigo, a descoberta do erotismo, patente nos contos do Império Médio, e a posição elevada da mulher na sociedade egípcia de todos os tempos predispunham a cantar o amor» (p. 202). O tema da poesia lírica, que o Autor já tinha estudado e publicado em *Cantigas de Amor do Oriente Antigo* (Lisboa, 1999, pp. 157-197), é apreciado nos seus géneros de «cantiga descritiva», «cantiga d'alba» e «lamentação à porta».

Com a Época Baixa (pp. 217-247), e após um interregno a nível literário com o instável Terceiro Período Intermediário (1070-664 a. C.) regressam os contos e fábulas patentes em *O mago Meriré e o rei Sisobek*, no texto da esteira de Bentrech (a princesa de Bakhtan), as duas histórias do príncipe Khaemuaset (que podem ser divididas nos contos *Setne-Khaemuaset* e *Naneferkaptah* e *Setne-Khaemuaset e Siosiris*), *Egípcios e Amazonas*, que é um episódio do ciclo de Padi-bastet (Petubastis em versão grecizada), e ainda a fábula *O Leão e o Homem* (inserida no mito do Olho do Sol). Retomando um velho tema, surgem novamente as instruções, neste caso a de Ankhchechonki e a que consta no *Papiro Insinger*.

O volume fecha com uma cronologia (pp. 249-252), fundamentada em Erik Hornung (1999) e um índice analítico (pp. 253-254) dividido por assuntos, géneros literários e obras literárias.

Apenas se lamenta que não tenha havido um mais aturado trabalho dos serviços de revisão da editora para evitar algumas desagradáveis «gralhas» que maculam o texto fluente e escorreito do Autor. Por outro lado, entre os muitos leitores que apreciam deveras as obras relacionadas com o antigo Egipto são poucos os que no nosso país entendem as formas transliteradas das versões hieroglíficas. Por isso, e salvo melhor opinião, seria preferível que as transliterações presentes ao longo do texto fossem antes as respectivas transcrições. É o caso de *sb3iit*, ilegível para a maior parte dos leitores, que já poderiam ler a forma transcrita de *sebait*. O mesmo se passa com *msw jqr* (*mesu iket*), *k3 (ka)*, *rh (rekh)*, entre outros casos.

Se determinadas obras basilares sobre a literatura egípcia podem, e devem, ser conhecidas e manuseadas pelos nossos estudantes universitários, elas não estarão tanto ao alcance do público em geral. É o caso da obra clássica, já antiga mas ainda eficaz, de Miriam Lichtheim, *Ancient Egyptian Literature*, em três volumes (Berkeley, Los Angeles, Londres, 1973-1980), a antologia editada por William Kelly Simpson, *The Literature of Ancient Egypt* (New Haven, Londres, 1972), ou a fundamental *Ancient Egyptian Literature: History and Forms*, com direcção de Antonio Loprieno (Leiden, 1996), e ainda *Grundzüge einer Geschichte der altägyptischen Literatur*, de Helmut Brunner (Darmstadt, 1984), com a dificuldade acrescida da língua alemã, para além dos vários estudos que Jan Assmann dedicou à literatura do antigo Egipto. Mais uma razão para saudar o aparecimento deste valioso livro, que é um utilíssimo e indispensável instrumento para os estudantes de História, nomeadamente os do ensino universitário, mas que está ao alcance dos leitores em geral que da sua leitura tirarão certamente amplo proveito.

**Luís Manuel de Araújo**

WOLFRAM GRAJETZKI, *Ancient Egyptian Queens. A hieroglyphic dictionary*, Londres: Golden House Publications, 2005, 122 pp., ISBN 0-9547218-9-6

É caso para dizer, antes de mais, que dicionários há muitos, abarcando várias temáticas da área egiptológica. Mas a verdade é que faltava uma obra específica que apresentasse, em forma de dicionário cronológico, a lista das rainhas do antigo Egipto, desde os remotos tempos da Época Arcaica à Época Baixa. Até porque «several women even became rulers of Egypt, like a man» (p. 7), o que, em geral, não se vê nas outras civilizações pré-clássicas, embora sejam conhecidas destacadas figuras femininas do mundo sumero-acádio como Enheduanna, poetisa e filha do famoso Sargão de Akad, Kugbaba, que reinou em Kich, ou ainda Zakutu, influente na política assíria no tempo de Senaquerib, além de várias rainhas hititas.

A introdução (pp. 1-2) anuncia a estrutura da obra, com os nomes de rainhas egípcias desde a Época Arcaica (I e II dinastias), não apenas aquelas que reinaram ao lado do rei, mas também as esposas secundárias, tendo sempre em conta que no antigo Egipto a rainha mãe (*mut-nesu*) sempre desfrutou de uma posição mais importante